

## Instituição e o ato do psicanalista em sua extimidade

*Fabiana C. Ratti e Ivan Ramos Estevão*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo foca o conceito de extimidade de Jacques Lacan e como ele pode ser um operador para a prática do psicanalista tanto no consultório como em uma instituição. O conceito de extimidade é trabalhado no *Seminário da angústia*<sup>1</sup> e mais desenvolvido por Lacan na década de 1970, quando ele une topologicamente conceitos centrais trabalhados ao longo de seu ensino: a saber, Real, Simbólico e Imaginário, trespassando-os em um nó borromeano.

O efeito topológico proposto por Lacan concede ao nó uma perspectiva tridimensional, aumentando a mobilidade na lógica do analista, sobretudo ao ser elaborado sob o referencial da *fita de Moëbius*, onde a perspectiva do fora/dentro é subvertida. A partir dessa lógica, o trabalho de uma equipe de praticantes da psicanálise numa instituição do 3º setor será um dos fios condutores para o debate do texto.

### 2. Extimidade

Desde o princípio de sua teorização, Sigmund Freud<sup>2</sup> se vê às voltas com a problemática de articular o externo e o interno, principalmente à luz da ideia de realidade psíquica. Essa teorização conduz a certos problemas que se tornam mais acentuados ao se pensar, principalmente, o tema da perda da realidade. É à luz dessa problemática freudiana que Jacques Lacan, ao propor a *fita de Moëbius* como modelo, conclui que a divisão entre interno e externo é artificial. A ideia da amarração dos registros no nó borromeano tem

como princípio que todos são sujeitos no sentido lacaniano do termo e têm modos particulares de se relacionar no e com o mundo, passando a não existir mais a divisão mundo interno e mundo externo, (tal como ilustrado pela *banda de Moëbius*, na qual dentro e fora são o mesmo lado. O sujeito fala e age em sua singularidade, em sua pulsão desejante, em seu próprio tempo e espaço.

O conceito de falta, correlato ao objeto *a*, põe em cena que o sujeito lida não com um externo ou um interno, mas com a castração, o gozo, o falo e o Outro. A angústia é efeito da presença da falta, do *nãotodo*, do surgimento do objeto *a*. O próprio processo de análise conduz de um suposto fora, um no outro, para um em mim, um dentro, que depois tende a se fundir: não sou eu e nem o outro, é a falta, o Real.

Nesse referencial borromeano, ganha destaque o *objeto a*, conceito desenvolvido por Lacan no *Seminário da angústia*<sup>3</sup> para designar a borda vazia da diferença absoluta do sujeito, e também para falar do espaço aberto para o objeto causa de desejo. É nesse ponto em que o sujeito emerge que algo resta, que a angústia transborda, invadindo o sujeito num ponto absolutamente singular. Paralelamente, é também nesse ponto que se posiciona o analista para interrogar e questionar a posição do sujeito.

Para além de uma escuta psicanalítica, a equipe de psicanálise apostou no ato do psicanalista, conceito lacaniano desenvolvido no *Seminário 15*<sup>4</sup>, que trouxe uma nova perspectiva técnica. O psicanalista não precisa mais trabalhar somente com a interpretação de sentido ou com uma escuta sob um referencial psicanalítico. Ele pode se valer de um ato, uma posição a partir do lugar de *objeto a*, subvertendo a representação comum do espaço, pois, sob a perspectiva da *banda de Moëbius*, Lacan formula que o mais íntimo é êxtimo [ex-terioridade/in-timo] e que a "fita de Moëbius concretiza a relação entre sujeito e objeto *a*"<sup>5</sup>.

Através de neologismos, Lacan constrói novas formas de se apropriar da clínica. Sua conceituação de extimidade vem desse princípio. Um recurso para dizer que o *objeto a* é um lugar *êxtimo*, ao mesmo tempo íntimo e radicalmente exterior. D'Agord e Triska<sup>6</sup> discutem que esta é a posição do psicanalista: ao mesmo tempo em que o psicanalista é tão íntimo do sujeito, escuta e participa de conjecturas jamais ditas a familiares e a amigos próximos, também preserva uma distância, um vazio para que o sujeito possa surgir, criar e construir algo novo.

### **3. A extimidade como um recurso institucional**

Camargo aponta que o praticante da psicanálise no hospital é um dentre tantos profissionais e, "ao sermos chamados, é preciso adotar uma posição aberta ao que podemos encontrar"<sup>7</sup>. Pois podemos encontrar de tudo e escutar todos os tipos de pedido: desde um atestado até se podemos falar com o médico e interceder por eles, arranjar um presente parecido com aquele que o amiguinho ganhou e mesmo, para ser analista do filho ou comprar uma rifa. São numerosas as possibilidades dentro da instituição.

A instituição onde foi realizado o trabalho orientado pela psicanálise é uma moradia temporária, uma casa abrigo, que recebe pessoas vindas de todas as partes do Brasil, que chegam a São Paulo para o tratamento de seus filhos com graves doenças. Trata-se de uma ONG montada por uma família com uma estrutura pequena, atendendo apenas 15 crianças e seus familiares. A instituição tem poucos funcionários e o recurso financeiro advém de doações. Os próprios moradores se encarregam das tarefas diárias necessárias ao bom funcionamento da casa. Foram as brigas e intrigas dos usuários dentro da instituição que fizeram com que a direção entrasse em contato com praticantes da psicanálise, solitando sua entrada na instituição. A casa abrigo, por ser um local por onde circulam muitas pessoas vindas de

diferentes regiões e culturas, e que passam por grande sofrimento diante do estado de saúde de um filho, que exige muitos cuidados, aumenta a possibilidade das pessoas ficarem tensas, propiciando assim frequentes discordâncias e mesmo atritos.

Lacan sublinha em "RSI" que "a linguagem não é, então, simplesmente um tampão, ela é isto onde se inscreve esta não relação"<sup>8</sup>. Ao trabalhar numa instituição, é preciso incluir a não-relação, ou seja, incluir que os desencontros e mal-entendidos são intrínsecos à convivência humana. Eles acontecem constantemente e irão acontecer na instituição, pois trata-se de um número grande de pessoas convivendo, cada uma com um referencial e uma cultura, sob a égide de um Outro singular, e experimentando desejos e querereres díspares. (Com as palavras, por vezes se busca entendimento, porém, elas não são suficientes, especialmente diante de gozos singulares. Esta é a dificuldade estrutural da relação entre os seres humanos e, sobretudo, quando os sujeitos estão vivendo situações limites de *stress*, ou seja, se confrontando com um real bastante traumático.

Nesta instituição, era comum pedirem aos praticantes da psicanálise que verificassem A verdade e que arbitrassem uma situação de conflito. Quem estava certo? Quem brigou primeiro, quem falou de quem? E sabemos que existe um lado bem humano que se satisfaz em responder à demanda, em assumir a posição de mestre e resolver a situação. Lacan<sup>9</sup>, porém, adverte em seu ensino: um analista sabe que não há A verdade, que ela é semi-dita. Ir por esse caminho é compactuar com a intriga e promover a discórdia.

É preciso manter os laços sociais, direcionando o ato de forma que o praticante da psicanálise consiga se posicionar politicamente e sustentar uma diferença, na instituição, ao abrir mão do narcisismo das pequenas diferenças e propiciar espaços para discussões relevantes

para a maioria das pessoas. Levar avanços para a instituição implica manter o compromisso com o ato do analista. Lacan<sup>10</sup>, no *Seminário 11*, enfatiza que o analista tem o compromisso de causar uma fissura. Surpreender, provocar uma *tiquê*, uma ruptura que quebre o encadeamento do *automaton* vigente, ultrapassando-o e possibilitando que o sujeito encontre outros modos de agir.

Um dos grandes perigos de atribuir um sentido para os acontecimentos é cair, por exemplo, em formas simplistas como o maniqueísmo e ficar na atribuição de valores. São horas perdidas em rivalidades e sentidos inúteis.

Segundo Camargo:

O gosto pelo sentido é um risco que o psicanalista, a partir de sua formação, deve afastar. A equipe deve partir do não saber para construir algo em conjunto, inventar a partir dos impasses, do imprevisto<sup>11</sup>.

Criar frente ao Real. A grande questão é colocar-se como *objeto a*, como *êxtimo*, e incluir o real. Saber que algo novo pode acontecer e que grande questão não é fazer uma construção de saber, explicar ou dar um sentido, como enfatiza Camargo: o objetivo são os atos de analista que possibilitem *tiquês*.

Lacan prossegue em "RSI": "A paranoia é um grude imaginário. É a voz que sonoriza, o olhar que se faz prevalente, é um caso de congelamento de desejo"<sup>12</sup>. O analista tem o compromisso de possibilitar a dissolução da paranoia. É muito comum que os usuários, os funcionários e a direção embarquem em paranoias, imaginando que o outro está contra eles e quer destruí-los. Essa sensação fica tão forte que, como diz Lacan, o sujeito perde a direção de seu desejo e cai em embates imaginários. A posição de *êxtimo* do analista possibilita atos que dissolvem a paranoia, propiciando que o sujeito possa dirigir seu olhar para o seu desejo.

Ao priorizar o laço social entre os seres, o que se decanta é o desejo distante do grude imaginário, que se compraz com gozos que distaciam o sujeito de seu projeto, criando apenas atrito entre as pessoas.

A posição de um praticante da psicanálise em uma instituição deveria visar mobilizar os sujeitos a criarem novas soluções. Lacan em "RSI" prossegue:

Fazer ciclo, amarra um buraco, é talvez no jogo da existência, do errar em suma, pelo fato de haver um jogo, que isso passeia, se abre, como se diz, que a diferença consiste, uma diferença da ex-sistência: uma ex-sistência, parte no errar até apenas encontrar a simples consistência e a outra, o ciclo, está centrado no buraco<sup>13</sup>.

Lacan trouxe, repetidas vezes em sua obra, a ideia de buraco, resto, erro, besteira, brincadeira, poesia. No Seminário 24<sup>14</sup>, ele compara o inconsciente com a poesia e diz que o próprio da poesia é não ter uma só significação, ela engana. Mais à frente, ele diz: "Que você seja inspirado eventualmente por qualquer coisa da ordem da poesia para intervir..."<sup>15</sup>. Lacan foi se afastando progressivamente do sentido e apostando cada vez mais na ideia de que o inconsciente é um lapso, um engano, um obstáculo, uma perda de equilíbrio. É o que é irregular, o que hesita, o que desliza de palavra em palavra. *L'une bevue, l'Unbewusst*. Para alcançá-lo, para chegar até ele, somente através dessa mesma artimanha, somente através do inusitado, do imprevisto, da brincadeira, do jogo, etc., de atos que para os padrões racionais podem ser considerados besteiras, mas que na prática são a chave para lidar com o inconsciente.

Através do ato, o praticante da psicanálise pode se incluir no jogo; ele participa e introduz algo novo, desvia a pulsão, redireciona a discussão. Lacan sublinha essa ideia em "RSI": "o discurso do analista não é nada mais que a lógica da ação"<sup>16</sup>.

Na instituição em que trabalhamos, pudemos perceber a transferência dos analisantes, dos funcionários e mesmo da direção. Cada pessoa tem mais facilidade com um praticante da psicanálise, uma simpatia especial, um traço que a liga ou a afasta. Os praticantes passam a fazer parte da instituição e, da mesma forma que são solicitados a entrar nas intrigas e confusões, também começam a poder fazer intervenções via real, simbólico ou imaginário. A manutenção de uma posição êxtima lhes dá mobilidade para agir e deslocar a questão para algo construtivo, utilizando o recurso possível a cada momento. Ele visa a passagem do gozo pleno e desgovernado ao gozo fálico e a uma produção. Ter uma equipe de praticantes, por exemplo, com uma rotatividade na instituição, em muito contribui para os manejos institucionais e para a manutenção das transferências. Uma dentre tantas possibilidades para exercitar, com criatividade, o ato de analista na instituição.

#### **4. A convivência do psicanalista com seus analisantes**

Lambert reflete sobre sua experiência em hospital, o exercício de convívio com seus analisantes:

Teremos de manobrar no estreito espaço entre a suposição de um saber de especialista imputado a nós (...) e a decisão de não recuar de uma posição que só pode vir a produzir efeitos justapostos porque parte do real do furo no saber como possibilidade do aparecimento do sujeito do inconsciente<sup>17</sup>.

Disso decorre que a posição de analista enquanto êxtimo não é algo exclusivo do *setting* analítico (o consultório). O discurso psicanalítico tem efeitos para além desse *setting*, se houver alguém que o suporte tanto como agente do discurso, como também no campo singular, que consiga suportar subjetivamente a psicanálise. É um exercício de extimidade atender pessoas com as quais se convive. Trabalhar em instituição, muitas vezes, torna

impossível o isolamento no *setting*, não há como o psicanalista se fechar e não fazer parte do cotidiano das pessoas. Como expressa Lambert, não há como não lidar com o furo no real.

Lacan constrói instrumentos psicanalíticos que dão recursos para que o psicanalista não fique cerceado em seu ato devido aos múltiplos acontecimentos numa instituição como: atendimento individual, reunião de diretoria, manejos institucionais com reuniões com os usuários, hora do almoço e momentos de festa, por exemplo. São tempos e espaços diferentes que o conceito de extimidade em muito contribui para a mobilidade do analista.

Nesta instituição ocorria ser preciso o atendimento de mais de uma pessoa da mesma família pelo mesmo analista. Algumas famílias tinham mais de um filho doente e em tratamento. A equipe era composta de 3 a 4 praticantes da psicanálise, que se alternavam em dias e horários diferentes e nem sempre era possível um analista diferente atender a um membro da mesma família, por questão de horário, de projeto ou de transferência.

O conceito de extimidade contribui para esse distanciamento, e assim, o psicanalista pode ocupar o lugar de *objeto a* independente da consanguinidade existente entre os pacientes. Como enfatiza Lacan em "RSI": "me pus a existir como analista"<sup>18</sup>. O ato do psicanalista é por-se a ex-sistir como analista e abrir espaço para o sujeito do inconsciente, sem cair em grudes imaginários.

O que fica claro é que o conceito de extimidade serve como um operador clínico que aparentemente substitui a posição de neutralidade que surgiu no discurso da psicanálise e que, além de amarrar o analista em seu ato (por ser uma posição imaginária), impede, por exemplo, de pensar as possibilidades de intervenção do analista fora do *setting*.



Algumas linhas de pesquisa propõem que o analista precisa ficar fora da Instituição. Garcia, inspirado na psicologia institucional de José Bleger, afirma que, de alguma forma, estar fora da instituição faz com que “o inédito tome corpo e provoque rupturas e o aparecimento de fendas desde as quais se recriam novas formas de relações”<sup>19</sup>. Garcia discorre sobre algumas formas de estar fora da instituição: o psicólogo não sendo empregado e economicamente ter outra forma de vínculo pode ser favorável para seu manejo. O autor ressalta também a importância do contrato, pois as relações profissionais vão contribuir de forma material para o analista se relacionar com a instituição. Um contrato singular, diferente do dos funcionários, possibilitará um índice de defesa contra as resistências que surgem, facilitando esforços e possibilitando que o analista não caia em repetições imaginárias frequentes em instituições.

Nessa instituição que apresentamos no texto, por exemplo, foi possível fazer o que Garcia<sup>20</sup> propõe. Conseguimos fazer um contrato bastante particular, um acordo de analista lacaniano onde houve a possibilidade de incluir outro tempo. Não éramos funcionários da Casa, mas prestávamos serviço. Tínhamos um contrato de dar atendimento clínico, fazer reuniões, estudar psicanálise e ter discussões clínicas com nosso grupo. As pessoas poderiam ser atendidas segundo uma ordem de desejo e podíamos fazer, cada analista, nosso próprio horário. Logicamente um horário que não atrapalhasse a rotina da Casa, porém, não havia um horário comercial, um dia certo. O que facilitava bastante a relação transferencial com os pacientes, pois tínhamos que assumir o paciente, ver seus horários, ver a importância de um atendimento, etc. Dependendo de seu estado, íamos mais vezes, mais horas.

Dessa forma, no próprio contrato foi possível incluir o Real. Incluir imprevisibilidades nossas, necessidades da

Casa. Esta imprevisibilidade de nossa presença também fazia algumas diferenças no manejo institucional e, muitas vezes, a própria presença daquele que atende na Casa era uma surpresa ou uma estranheza, um real que possibilitava rupturas. Muitas vezes escutávamos: *Ah! Você está aí? Não sabia que vinha hoje... então vamos conversar...* Ou mesmo: *Nossa! Ia sair depois do almoço para não ter que ir para a análise... mas, vamos lá! Aconteceu uma coisa muito difícil!*

Isso se deu nesta instituição em particular, pois era uma ONG e suas características administrativas permitiam essa inserção. Existem, porém, muitas instituições como hospitais, postos de saúde, Fóruns, por exemplo, que possuem um contrato previamente determinado, e uma estrutura de trabalho mais estratificada. Sendo assim, é preciso pensar outros recursos para a mobilidade e as intervenções do analista.

Por essa razão, o conceito de extimidade marcado com a *banda de Moebius* é um grande avanço, passando a ser possível uma abstração da posição física Newtoniana de dentro e fora para uma posição subjetiva (que lembra a física da relatividade de Einstein) do lugar que se ocupa.

## **5. Extimidade e a supervisão em instituição**

Harari e Silva<sup>21</sup> discorrem sobre aspectos de suas experiências como supervisores de instituição, uma forma dos analistas que trabalham na instituição não caírem na alienação, no discurso vigente e nas picuinhas das pequenas diferenças. Harari diz que: "foi o 'uso da psicanálise' decorrente da função de extimidade"<sup>22</sup> que a auxiliou em manobras institucionais. Harari utiliza-se do conceito de extimidade como forma de ampliar as possibilidades, pois a supervisão é realmente uma forma de estar dentro, muito próxima aos sujeitos e às situações através dos relatos e, ao mesmo tempo, ter uma distância emocional essencial para

a circulação dos saberes, para a instrumentação dos recursos teóricos em articulação com a prática cotidiana da instituição.

A supervisão é uma forma dos colegas poderem dividir dúvidas e angústias, planejar estratégias, e assim, na prática, o profissional poder exercer sua vocação incluindo outros pontos de vista e ampliar as articulações teóricas. A supervisão auxilia a fazer o cálculo do real no intuito de que o analista possa, em sua função, direcionar manejos para barrar o excesso de gozo pleno e abrir espaço para que se possa gerar gozo fálico.

## **6. Para concluir**

Recorrer ao conceito de extimidade, como analista e como supervisor, contribui para articular manejos institucionais cujo paradigma não é o simbólico, nem o discurso do saber. Se o analista trabalha com referência em apenas um registro, ele fica engessado e tem pouca articulação. O recurso de extimidade inclui os três registros, abrindo espaço para o furo e o *nãotodo*. Tudo pode acontecer, o que é bem mais provável, pois cada ser humano se posiciona sob uma lógica, um discurso e um modo de gozo absolutamente singular, principalmente quando está sob efeito do *stress*, algo bem corriqueiro em instituição.

Assim, os psicanalistas, a partir da posição de *objeto a*, da extimidade, usufruem do Real, do Simbólico e do Imaginário e podem articular os manejos de forma inusitada e surpreendente, de maneira que uma queixa ou intriga pode se tornar algo mais amplo, originar um debate realmente frutífero e faça uma diferença para a instituição e para os atendimentos individuais.

---

<sup>1</sup> LACAN, J. (2005/1962-1963). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

<sup>2</sup> FREUD, S. (1996/1917). "Uma dificuldade no caminho da psicanálise". In: *Edição Standard Brasileira das Obras*

---

*Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

<sup>3</sup> LACAN, J. (2005/1962-1963). Op. cit.

<sup>4</sup> IDEM. (1967-1968). *Le séminaire, livre XV: l'acte psychanalytique*. Disponível em: <<http://staferla.free.fr/S15/S15%20L'ACTE.pdf>>.

<sup>5</sup> RIVERA, T. (2008). "Ensaio sobre o espaço e o sujeito: Lygia Clark e a psicanálise". In: *Ágora - Estudos em Teoria Psicanalítica*, vol. 11, nº 2, p. 221-228. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982008000200004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982008000200004&script=sci_arttext)>.

<sup>6</sup> D'AGORD M. R. L & TRISKA V. H. C. (2008). "A Topológica da verdade". In: *Asephallus - Revista Eletrônica do Núcleo Sephora*, vol. 4, nº 7, p. 12-22. Disponível em: <[http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_07/artigo\\_01\\_port.html](http://www.isepol.com/asephallus/numero_07/artigo_01_port.html)>

<sup>7</sup> CAMARGO, M. B. (2003). "O analista trabalhando na instituição". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 37. São Paulo: Eólia Edições, p. 68.

<sup>8</sup> LACAN, J. (1974-1975). "RSI". Seminário inédito, aula de (17/12/1974). In: *Ornicar?*, nº 3. Paris: Navarin.

<sup>9</sup> IDEM. (1985/1972-1973). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

<sup>10</sup> IDEM. (1988/1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

<sup>11</sup> CAMARGO, M. B. (2003). Op. cit., p. 69.

<sup>12</sup> LACAN, J. (1974-1975). Op. cit., aula de 8/4/1975.

<sup>13</sup> IDEM. Ibidem.

<sup>14</sup> IDEM. (2009/1976-1977). *Le séminaire, livre XXIV: l'insu-que-sait de l'une bévue s'aille à mourre*. Disponível em: <[http://gaogoa.free.fr/Seminaires\\_HTML/24-INSU/INSU16111976.htm](http://gaogoa.free.fr/Seminaires_HTML/24-INSU/INSU16111976.htm)>.

<sup>15</sup> IDEM. Ibidem, p. 108.

<sup>16</sup> IDEM. (1974-1975). Op. cit., aula de 8/04/1975.

<sup>17</sup> LAMBERT, A. (2003). "Psicanálise no Hospital". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 37. São Paulo: Eólia Edições, p. 37 e 47-52.

<sup>18</sup> LACAN, J. (1974-1975). Op. cit., aula de 8/04/1975.

<sup>19</sup> GARCIA, M. L. (1996). "Análise institucional: considerações sobre a clínica ampliada". (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, p. 12.

<sup>20</sup> IDEM. Ibidem.

<sup>21</sup> HARARI, A. & SILVA, R. F. (2003). "O Trabalho de Supervisão na Instituição de Saúde Mental". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 37. São Paulo: Eólia Edições, p. 59-64.

<sup>22</sup> IDEM. Ibidem, p. 63.